

Casa Museu de Monção: o edifício César Valença

Este edifício da segunda metade do séc. XVIII foi adquirido pelos avós paternos da Senhora Dona Maria Teresa Cardeal Andrade Martins Salgueiro, casa a que muito se dedicou, tendo refeito o jardim onde colocou uma fonte *arte nova* originária de uma das residências familiares de Lisboa e realizado obras no andar superior como o tecto da actual sala *francesa*. Já depois de ter resolvido legar à Universidade do Minho parte do seu património transformou as áreas do rés-do-chão de forma a poderem servir de auditório ou sala de exposição.

O testamento da legatária previu que aos móveis e objectos existentes nesta residência se viessem juntar os da sua elegante casa de Lisboa, reorganizada pelo célebre decorador e encenador francês Lucien Donnat, onde se incluíam móveis franceses de alta qualidade muito representativos do meio social de origem da sua mãe, a alta burguesia urbana que era o da família Cardeal nos fins do séc. XIX e durante o séc. XX.

A residência de Lisboa situa-se nos dois últimos andares de um prédio mandado construir por si, onde anteriormente existia uma elegante casa do início do séc. XX rodeada de jardins.

Assim a actual Casa Museu de Monção possui móveis e objectos do pai, o médico Dr. Andrade e da família Cardeal já referida. Esta simbiose não deveria desagradar à Senhora Dona Maria Teresa Salgueiro que apesar de lisboeta de nascença, gostava de ser retratada vestida de minhota e era conjuntamente uma mulher cosmopolita que viajou imenso numa época em não havia turismo de massas.



No átrio, além das fotografias muito ampliadas da dona da casa e do seu marido, o advogado Dr. Martins Salgueiro, que pelo acervo legado demonstra ter sido um notável fotógrafo, são ainda de referir um quadro a óleo da Escola Inglesa de meados do séc. XIX e ainda um tapete otomano de oração executado em seda no séc. XVIII.

Na escadaria expôs-se uma das peças mais interessantes da colecção um *pano de armar* sino-português do séc. XVII, azul bordado a ouro com uma águia bicéfala no centro. Nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga existe um pano de armar semelhante a este.

Após a subida encontra-se o escritório que fazia parte, com os actuais espaços ocupados pela sala *francesa* e pelo quarto da Senhora Dona Maria Teresa, de um conjunto de três salas seguidas considerado um clássico nas residências com importância arquitectónica e social. Este modelo, embora frequente em Portugal, é originário da França do séc. XVII e é bem conhecido como salas *em enfiada* que permitia perspectivas com certa imponência.

O escritório deverá ter sido arranjado pelo Dr. Andrade, pai da proprietária com móveis executados no séc. XIX inspirados nos sécs. XVII e XVIII.

É de notar além de um retrato a pastel representando a Senhora Dona Maria Teresa enquanto criança, dois estojos um com uma espingarda Purdeley e outro com uma máquina fotográfica. Sabe-se que a caça e a fotografia eram dois passatempos estimados pelo Dr. Martins Salgueiro.



A sala *francesa* contém um precioso conjunto de móveis Luís XVI, executado nos finais do séc. XIX com a mais alta qualidade. Sobre a cómoda está o relógio e duas urnas de porcelana de Sèvres. Na parede destaca-se um bonito

retrato de jovem da primeira metade do séc. XIX, da Escola Inglesa aliás, como quase todos os quadros da mesma sala. Ao lado do sofá estão duas mesas com um conjunto de porcelanas da *Companhia das Índias*, além de fotografias de família e na outra cómoda, uma notável coleção de cristais Arte Nova. Toda esta mobília pertencia ao palacete da praça Marechal Saldanha, em Lisboa, da família Cardeal, existindo fotografias da época que o testemunham.

O corredor tem cadeiras de pau preto ao gosto inglês do início séc. XIX e outras de estilo *Chipendale* executadas já nos fins do séc. XIX, estofadas com tapeçaria bordada, com mestria, pela dona da casa. Faziam parte da mobília da sala de jantar de Lisboa. Na sala do jardim o quadro que se destaca é um óleo do séc. XIX representando Moisés fazendo brotar uma fonte.

O grande quarto da proprietária ocupa o que terá sido o último espaço da enfiada de salas. Possui uma invulgar cama de pau preto, ricamente decorada ao gosto D. João V, mas executada no séc. XIX. Tem ainda um oratório, móvel de província, marmoreado do séc. XVIII, com um Cristo indo-português da mesma época.

No mesmo quarto vê-se um armário ao gosto do séc. XVII com interessantes fotografias das famílias Andrade, Cardeal e Martins Salgueiro.

O quarto pequeno tem uma cama de bilros do séc. XVII de pau preto e um guarda-fatos de torcidos e tremidos, típico do gosto dos finais do séc. XIX, em que se misturavam sem preocupação os móveis da época com cópias fantasiosas inspiradas em época anteriores.

O quarto neo-império é formado por uma mobília executada em mogno de Cuba no início do séc. XX. É inspirada no estilo império e de gosto característico da rica burguesia da época.

A sala de jantar parece-nos conjuntamente com a sala *francesa* um dos mais interessantes espaços desta residência.

As paredes estão totalmente cobertas por uma *boiserie* com armários envidraçados para ostentar louças e pratos de qualidade. Nas cimalthas notam-se enfeites que a ligam indiscutivelmente ao início do séc. XIX. As portas receberam fechos posteriores que a aproximaram da mobília.



Os móveis são da primeira metade do séc. XX, no chamado estilo holandês, simplificação do mobiliário dos Países Baixos do séc. XVII e que teve grande sucesso nos ambientes que pretendiam aludir a um mundo rural idealizado.

No interior do armário vê-se uma importante colecção de porcelana da China de exportação conhecida vulgarmente por *Companhia das Índias*. Em dois armários dos cantos pode ver-se uma interessante e valiosa colecção de paliteiros de prata. Numa das outras cantoneiras sobressai uma chocolateira neo-rocaille do mais considerado joalheiro português da segunda metade do séc. XIX e do início do séc. XX – a Casa Leitão, fornecedora da Casa Real.

Sobre a mesa uma terrina de prata e dois elegantes candelabros do mesmo metal ao gosto neo-rocaille executado no séc. XX e no fogão de sala canecas inglesas chamadas de lustrina também do séc. XIX.

Sobre o fogão quadros da Escola Holandesa do séc. XIX, provavelmente cópias de autores do séc. XVII. Um representa um mercado de galináceos e outro a venda de peixe.

Os quadros naturalistas holandeses eram de colocação *obrigatória* nas salas de jantar. A Escola Holandesa, devido à importância da sua burguesia e devido à Reforma Protestante, que evitava os assuntos religiosos, foi das primeiras a interessar-se pela representação dos aspectos pitorescos do quotidiano.

Finalmente a capela-oratório num estilo tardio de D. Maria, provavelmente mandada construir já no séc. XIX e, não tendo embora interesse artístico, é uma componente significativa da mentalidade e do ambiente religioso.

